

## RACISMO AMBIENTAL

### ENTREVISTA

A bibliotecária Andrea Carvalho de Oliveira nos conta sobre seu trabalho e pesquisa com a Organização KOINONIA

### ACONTECEU NA UNIBIBLI

Em 2018 dois eventos abordaram o racismo ambiental no Sistema de Bibliotecas da UNIRIO: o projeto Diálogos Possíveis e o Curso de Capacitação em Educação Ambiental do LapeAr

### COM A PALAVRA...

A aluna Pammella Casimiro de Souza fala da sua experiência no Curso de Capacitação em Educação Ambiental em 2018

## Editorial



Foto: Tacum Leocy

*Quando expulsamos povos indígenas e quilombolas praticantes da Cabula de suas terras, estamos levando-os a romper com suas tradições, em consequência, a perder suas identidades. Estamos concorrendo para suas transformações em seres com baixa autoestima, que perderão suas crenças, sua capacidade de educar seus filhos como foram educados, de passar adiante seus sonhos e utopias. (PACHECO, 2013)<sup>1</sup>*

Com as palavras da pesquisadora Tania Pacheco, abrimos mais uma edição do BIBLIOECO, o Informativo da Biblioteca Central da UNIRIO. Palavras estas que nos trazem inquietações e que perpassam a temática deste número, a saber, Racismo Ambiental. Assunto intrigante — quando acrescentado o adjetivo “ambiental” ao conceito racismo — é apresentado neste número mnemonicamente de forma que o próprio leitor faça suas reflexões, descubra as nuances e práticas que exemplificam o Racismo Ambiental e compreenda como esta questão é negligenciada política e socialmente.

Nesta edição, o leitor encontrará ações da Biblioteca e de profissionais e pesquisadores que lidam de alguma forma com o tema proposto.

Desejamos ao leitor uma boa leitura e inquietações ≡

Benedeiras da Comunidade Pai João  
no município Euclides da Cunha - BA



## Expediente

**Universidade Federal do Estado  
do Rio de Janeiro - UNIRIO**

Biblioteca Central

### Texto

Sheila da Silva Sampaio  
Bibliotecária - UNIRIO

### Revisão

Márcia Valéria da Silva de Brito Costa  
Bibliotecária - UNIRIO

Simone Bastos Rodrigues  
Revisora - UNIRIO

### Designer

Cintia de Sá  
Biblioteca - UNIRIO

### Foto da capa

Comunidade ribeirinha do arquipélago  
de Marajó no estado do Pará  
(Marcelo Camargo/Agência Brasil)

<sup>1</sup> PACHECO, Tania. Racismo ambiental: religião, identidade e cultura em seus múltiplos aspectos. In: CORRÊA, Aureanice de Mello; COSTA, Lara Moutinho da; BARROS, José Flávio Pessoa de (Orgs.). A floresta: educação, cultura e justiça ambiental. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

## Biblioteconomia em destaque

Foto: Arquivo pessoal



Entrevista com a bibliotecária Andrea Carvalho de Oliveira, mestra em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

**BIBLIOECO: Você integra a equipe da Organização KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço como bibliotecária, contemos um pouco sobre seu trabalho na Organização e no Atlas Observatório Quilombola.**

ANDREA: Primeiro quero agradecer o convite. Fico muito feliz de compartilhar um pouco do meu trabalho em KOINONIA. Comecei a trabalhar na instituição em 2004 na organização do acervo do centro de documentação. Depois passei a trabalhar com os colaboradores nas atividades de cada programa (na época era programa, hoje a instituição organiza suas atividades e públicos por eixo temático). E foi trabalhando no antigo Programa Egbé (hoje eixo temático Direito das Comunidades Negras Tradicionais) que criamos o site Observatório Quilombola que é “um espaço interativo e interdisciplinar, dedicado à coleta, organização e análise de informações relativas às comunidades negras rurais e quilombolas, em seus contextos locais e regionais, assim como às políticas pertinentes.” Em 2014 criamos o Atlas Observatório Quilombola que é um site vinculado ao Observatório com o objetivo de apresentar verbetes sobre as comunidades quilombolas. No início do projeto seria só com as comunidades do

estado do Rio de Janeiro, mas resolvemos ampliar para outras comunidades quilombolas do Brasil.

Além do trabalho do Altas e Observatório Quilombola, atuo no site institucional, no blogue Dossiê Intolerância Religiosa, sites protestantes, revista OQ e Intolerância Religiosa. Em toda parte que envolve disseminação da informação e conhecimento da instituição, participo de alguma forma.

**“Egbé virtuais: taxonomia facetada navegacional para o Atlas Observatório Quilombola”, este foi o título da sua dissertação defendida na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) que teve como objetivo propor uma taxonomia facetada navegacional para o website Atlas Observatório Quilombola. Qual a contribuição da sua pesquisa para o campo da Biblioteconomia?**

Quando entrei no mestrado, sabia que queria trabalhar com um produto de KOINONIA. Só fiquei na dúvida se seria Observatório Quilombola ou Atlas. Conheci o termo Taxonomia Facetada Navegacional no trabalho da professora Benildes Maculan, e meu orientador Marcos



“Gostaria de ver mais trabalhos acadêmicos na área de Biblioteconomia sobre as comunidades negras tradicionais”

Miranda Cavalcanti achou interessante desenvolver o conceito nos produtos que apresentei no projeto. Acredito que meu trabalho pode contribuir de duas formas: a primeira é a continuação da discussão sobre o termo Taxonomia Facetada Navegacional. Precisamos mais bibliotecários(as) trabalhando e discutindo sobre tecnologia. E o segundo ponto é que gostaria de ver mais trabalhos acadêmicos na área de Biblioteconomia sobre as comunidades negras tradicionais, principalmente na linha de Organização e Representação do Conhecimento. Precisamos contribuir com essas ferramentas de ORC e apresentar outros olhares sem ser o europeu.

#### Como você enxerga a contribuição da proposta de sua pesquisa para a comunidade Quilombola?

Qualquer trabalho que divulgue a informação e conhecimento das comunidades negras tradicionais, principalmente neste momento

no Brasil, é importante. Precisamos fazer trabalhos acadêmicos, sim, narrar e divulgar experiências, mas não podemos esquecer que temos que realizar esses projetos, incluir a comunidade nesse processo e principalmente devolver nossas pesquisas para eles. Acho que só assim a palavra “contribuição” faz mais sentido.

É importante falar aqui que o trabalho no Atlas Quilombola continua, ainda estamos definindo a melhor forma de aplicar a Taxonomia Facetada e sempre divulgamos chamadas nas redes sociais de KOINONIA para colaboração na criação dos verbetes.

#### Como você avalia a injustiça social e racial provocada pelo Racismo Ambiental em relação à função social da Biblioteconomia e das Bibliotecas?

Trabalho muito tempo em KOINONIA, antes estagiei na Associação Interdisciplinar de AIDS e, na juventude, participei do movimento estudantil e do grupo jovem. Como bibliotecária, a função social da Biblioteconomia e das Bibliotecas está conectada a qualquer tema que estou trabalhando. Essa reflexão é que tento fazer diariamente dentro e fora do trabalho. É impossível não pensar no Racismo Ambiental quando trabalho com as comunidades quilombolas da zona rural ou da cidade e, no meu caso, não é só em novembro. Até mesmo quando assisto a notícias de violência na periferia, esse tema está presente. Acho que as bibliotecas precisam dialogar com essas pautas diárias não somente em datas específicas. Acredito que também faz parte do meu trabalho como bibliotecária dialogar com outros profissionais, apresentar essas temáticas e aprender outras ➤

Foto: Tacun Lecy



Vaqueiro do Quilombo Rio das Rãs no município Bom Jesus da Lapa - BA



### Fique sabendo

No ar desde 2009, o blogue Combate Racismo Ambiental é criado e mantido pela pesquisadora em História Social Tania Pacheco e traz textos e artigos que discutem, entre outros assuntos, temas como injustiça ambiental, desigualdade social, direito à vida, à saúde e ao campo. Para conhecer e acompanhar essas temáticas, acesse: <https://racismoambiental.net.br>



## Aconteceu na UNIBIBLI

# Precisamos falar de racismo ambiental

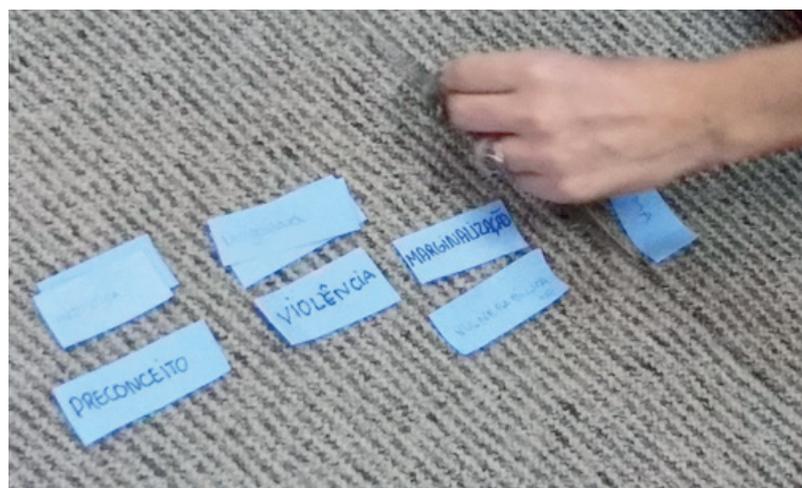
Abordado em ambas as atividades realizadas na Biblioteca da UNIRIO, Racismo Ambiental foi tema do projeto Diálogos Possíveis (evento realizado pela biblioteca com a finalidade de discutir a questão racial dentro do ambiente acadêmico) e do Curso de Capacitação em Educação Ambiental, realizado pelo Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental (LAPEAR) em parceria com a Biblioteca.

Ocorrido em agosto de 2018, o curso, no seu segundo ano, trouxe o debate sobre Racismo Ambiental de forma dinâmica, com aulas expositivas, atividades com dinâmicas e diálogos entre os participantes que faziam parte da comunidade interna e externa à Universidade.

O evento Diálogos Possíveis contou com a participação da pesquisadora Tânia Pacheco que trouxe ao debate a palestra intitulada Racismo Ambiental: uma importante bandeira de luta pelos direitos dos povos e comunidades; da pesquisadora e militante sobre questões quilombolas Maria Lima que falou sobre o tema: Racismo ambiental e institucional: colonização dos seres e corpos; e da pesquisadora Sandra Benites que apresentou práticas referentes às injustiças ocorridas com povos indígenas. Questão polêmica e discutida na roda de conversa que ocorreu no dia 14 de setembro de 2018, no Auditório Tércio Pacitti, na UNIRIO.

O evento também contou com a participação de Marjory Leonardo do Coletivo Assalta – UNIRIO que nos impactou com a intervenção artística “%” sobre a violência direcionada diariamente aos corpos negros.

“Eu passo por isso, só não sabia que tinha nome.”



“Eu passo por isso, só não sabia que tinha nome.” Essa foi uma das frases mais ouvidas durante o evento, que traduz as injustiças cometidas contra grupos em estado de vulnerabilidade quanto à sua cor e classe na execução de políticas públicas e ações da iniciativa privada.

A Biblioteca Central da UNIRIO também disponibilizou, durante o evento, uma Feira de Troca de Livros, que trazia à reflexão índices sobre diversas injustiças raciais, sociais e de classe ≡

O curso teve aulas expositivas e dinâmicas, que levaram os participantes à reflexão sobre nosso cotidiano. O evento ultrapassou o espaço da biblioteca e ocupou o auditório Tércio Pacitti. Enquanto a intervenção artística “%” espalhou-se pelo pátio do CCET, como pode ser visto na foto do topo da página

## Com a palavra...

## Para além do curso, a descoberta de um percurso

O convite da Biblioteca Central para que o Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental (LAPEAR) realizasse um curso para discutir Racismo Ambiental não poderia vir em um momento melhor. Acredito que a universidade é um lugar de descoberta e aprendizados que ultrapassam seus muros. No segundo semestre, quando o convite surgiu, eu estava em um momento de transição de mim mesma, uma mulher negra, periférica, descobrindo a complexidade da temática racial no Brasil.

De início, não só eu, mas todos do LAPEAR, reconhecemos o desafio que seria abordar Racismo Ambiental dentro de uma universidade pública, localizada espacialmente na zona sul, onde essas tensões são alienadas de muitos dos estudantes, dadas as diversas realidades socioeconômicas dos estudantes da UNIRIO.

No decorrer dos estudos de preparação para o curso, pude perceber e conhecer muito mais sobre mim e de onde eu vinha, ultrapassando os conceitos e teorias e assim impulsionando a verdadeira consciência do meu espaço na sociedade. Na verdade, acho que reconhecer o Racismo Ambiental no qual estava inserida me ajudou a contribuir de maneira significativa para o acontecimento do curso. Ao nomear as mazelas e o descaso que vivo no meu território, pude constatar que não se trata de uma exceção, mas um evento sistemático que acontecia em várias partes do país. Conhecer o caso de Campos Elíseos não fez com que elas solucionassem, mas me ensinou a direcionar o meu olhar para as situações que antes passavam despercebidas, além de apoderar essa nova identidade que eu estava moldando, a nova identidade que eu queria para mim.

Assim, a experiência que eu tive na elaboração do curso sobre Racismo Ambiental transpassou o material e preencheu lacunas que

eu nem sabia que existiam. E, como resultado de toda essa empolgação, força e inquietude que tive desde o início dos estudos para a elaboração do curso da biblioteca, sairá meu TCC, em que eu vou abordar o conceito de Racismo Ambiental dentro do bairro onde vivo

Foto: Arquivo pessoal



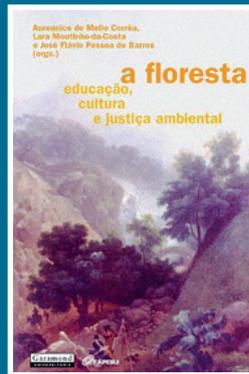
**Pammella Casimiro  
de Souza**

Discente - UNIRIO

## Conheça nosso acervo

### A Floresta

Educação, cultura  
e justiça ambiental



o desafio de pensar a relação entre cultura e meio ambiente a partir da visão de diversos atores sociais, em busca de respostas concretas para questões socioambientais.

### Injustiça ambiental e saúde no Brasil

O mapa de conflitos



Os inventários e os mapas de conflitos ambientais, como os abordados nesta obra, ajudam, com vigor científico e moral, a dar visibilidade a uma realidade indignante.



**Silêncios eloquentes que  
se transformam em práticas  
de ausências — Gênero, raça  
e sexualidade**

Um estudo da Educação Ambiental  
na América Latina

**Gleice Máira Fernandes Alves**  
Dissertação de mestrado - 2017